

# Mundos que habitam em nós

por Caetano Imbo  
Escritor e artista plástico

Há vários mundos (no plural) entre o conhecido e o desconhecido; entre os vivos e os mortos; entre os grupos sociais e nas relações que estabelecemos com o outro; cada humano é portador desses mundos dentro de si.

O Ser humano busca inquietantemente por desvelar o enigma da natureza que aguça seus olfatos, consequentemente, vive intrigado desde o ventre, pelas divindades mitológicas. Ele move-se na busca por esclarecimentos a respeito dessas entidades sobrenaturais e também cultiva saberes divinos conforme suas crenças e seus desejos. Do mito ao reconhecimento de seus poderes, no encanto e desencanto da vida terrena.

Os homens são alicerçados nessa busca por um deus supremo, todo poderoso que supra seus anseios e que, quando rogado por sua benção ou glorificado pelos desvalidos e afrontados, diminui sua angústia da procriação e produção e assente a base da família e trabalho. Levando-nos a senda do poder político, religioso sem deixar de lado o poder imperialista da dominação.

Aqui, o que se pretende é abordar a representação cultural de dois grupos étnicos: os Baga de Guiné-Konakiri e os Nalu da Guiné-Bissau, ambos coabitam o espaço fronteiro entre os países. Ao apresentar uma tentativa de compreensão desses mundos é necessário retomar o conceito de raça e etnia. Nas palavras do mestre Kabengele Munanga, que nos traz à luz do dia abordagem que acende nosso desejo e interesse, assim o define:

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico.

Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2003, p. 12).<sup>1</sup>

A mitologia africana é variada e complexa por abranger múltiplos grupos étnicos em países diversos. Ainda assim, a comunicação dos povos é fluente entre as divindades que transitam por oceanos e o continente; pelos rios, florestas e desertos que abraça nosso chão. Com isso, quero enfatizar a multiplicidade e a pluralidade das pessoas, através das diversas casas que se respeitam, quero que entendam as Áfricas, o que exige um exercício de aceitação excepcional e de reconhecimento de suas raízes. Não quero pintar aqui uma África ou mitologia africana onde não haja disputas violentas, confrontos entre povos e divindades, por que isso continua acontecendo nos dias de hoje, inclusive no plano cósmico.

África é um continente diverso, onde deuses são invocados através do som da flauta, do tambor, dos cantos de chamamento e do soar do bombolom<sup>2</sup>, apenas para citar alguns meios utili-

<sup>1</sup>MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo - Identidade e Etnia. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2021.

<sup>2</sup>Instrumento de comunicação usado em rituais, assemelha-se a um tronco oco que emite som ao toque de varetas.

zados nos rituais em comunhão entre os mortais.

No movimento de crenças há muito que fazer e ponderar a respeito, levando em conta a pluralidade religiosa e cultural. Com isso os meus gostos e prazeres, não podem se sobrepor ao do terceiro, tampouco ocupar o espaço vazio que não me pertence e nem ao outro, digamos assim um lugar neutro de convergência. Por outro lado, entender que os gostos e prazeres devem ocupar espaços de convergência entre culturas que se diferenciam culturalmente e geograficamente, assim como, socialmente. E assim sempre será acentuada as nossas particularidades enquanto seres.

Há nisso uma força que faz da África, ou Áfricas, não sucumbirem às forças imperialistas, pela resistência de resignificar a nossa ancestralidade através das raízes míticas de onde vieram as diferentes famílias. Como o culto à deusa da fertilidade através da escultura Nimba<sup>3</sup>, a qual traz consigo uma representação de várias mulheres em uma só figura mitológica. Nimba significa “Alma grande” e na língua Balanta “nossa mulher”.

Esta figura mítica cultuada milenarmente pelo povo Baga de Guiné-Konakiri foi também adotada e cultuada pelo povo Nalu da Guiné-Bissau. A confluência das forças e de interesses míticos criou vínculos entre os povos Nalu e Baga, que persistem até os nossos dias, coabitando os espaços de cultura nas florestas fronteiriças dos dois povos com seus sobrenomes. O culto a Nimba é praticado somente por homens pertencentes a uma sociedade secreta, escolhidos por meio de uma cerimônia ritualística, desse modo trazendo a divindade, um deus distante para mais próximo dos humanos necessitados.

Os povos das florestas ainda mantêm a magia, o rigor e a confluência das forças da natureza viva com todas as suas energias mitológicas, mas que englobam também a filosofia no modo de viver.

<sup>3</sup>Escultura de madeira tradicional que representa uma deusa de alma grande, esculpida em madeira de “Pó de Sangue” Árvore frondosa que tem seiva da cor de sangue e sua madeira também é avermelhada.

Por aí vem nossa experiência com a natureza que nos circunda no isolamento das nossas vivências e culto ao desconhecido, mantendo-nos assim reservados, as culturas dos nossos ancestrais, afastando-se do estranho e se protegendo do intruso.

Sem o enunciado da história, acostumamos-nos a dar palpites sobre as sociedades longínquas, suas culturas e modos de vida de forma convencional ou pejorativa.

Por isso, pensar a ancestralidade e sua força natural, bem como direcionar-lhe os olhares históricos não é um ato de empatia, mas sim a forma de criar convergência entre as distintas culturas que possam ter incidência nas nossas vidas. Contrastando assim, a hegemonia dos saberes e do poderio cultural em que se vive no campo religioso pelo domínio da narrativa europeia da conversão. Esta seria a única saída para os nativos alcançarem a salvação por meio de um Deus oriundo das outras margens do oceano.

Porém, nos distanciamos dos relacionamentos plurais de mundos que foram constituídos por essas culturas, tornando-se óbvio que alguns povos com seus saberes querem colocar-se sobre outros povos, o que no meu entendimento, subjugar o diferente ou o contraditório não é saudável.



Nimba, esculpida por Isnaba Imbo, Irmão querido, 2018.

O enigma da deusa Nimba, continua para os não pertencentes àquelas sociedades ocultas nos cultos de homens à deusa. Nimba é a representação linear no sentido, na prática e desejo, mas singular na forma escultural de cada expressão artística.

No entanto, continuo minhas provocações para um mundo que nos obriga a novas inserções culturais com menos sobrecarga da incultura e mais energia pelas culturas ancestrais e distintas da hegemônica eurocêntrica.

A escultura foi encontrada por um pescador no rio Ijuí, na região das Missões, no Rio Grande do Sul. Na época, a região sofria uma grande seca que fez o leite surgir próximo a um conjunto de ilhas no Rio dos Mendes. Nos anos de 1980, a peça foi comprada pelo artesão Getúlio Soares Lima, colecionador de artigos missionários. Fonte: Blog Ensinar História, Joelza Ester Domingues. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/uma-deusa-africana-descoberta-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 06 fev. 2021.



Nimba, Instituto de Arte de Chicago, Estados Unidos. Fonte: Blog Ensinar História, Joelza Ester Domingues. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/uma-deusa-africana-descoberta-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

Nimba, Museu do Louvre, Paris, França. Fonte: Blog Ensinar História, Joelza Ester Domingues. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/uma-deusa-africana-descoberta-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 06 fev. 2021.



A máscara de Nimba apoia-se nos ombros da dançarina durante as cerimônias agrícolas. O corpo fica oculto pelo tecido e uma saia de ráfia. A dançarina olha através da abertura entre os seios da máscara olhando através de buracos entre os seios. Fonte: Blog Ensinar História, Joelza Ester Domingues. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/uma-deusa-africana-descoberta-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

## A arte de Clayton Silva



Clayton Silva é natural de Jundiá. Tem uma paleta dinâmica e de cromia única, de traço irreverente e lúdico com temas do cotidiano. Sua pintura nos leva a refletir e lembrar imagens do nosso passado (crianças soltando pipa, girando pião, andando de cavalo de madeira entre outros...). Iniciou na pintura muito cedo, com 11 anos na Casa da Cultura de Jundiá, com o saudoso Professor Íssis Martins Roda. Pintou até os 18 anos quando deu uma pausa nas telas e dedicou-se às charges. Foi chargista em vários jornais da região. Retornou às artes plásticas somente em 2004.

